

O PAPEL DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO: DIÁLOGOS COM A MODERNIDADE

Fabiano Rodrigo Dupont

Rodrigo Cristiano Diehl

Resumo: O presente estudo aborda o impacto das novas tecnologias de informação como mecanismo de prevenção ao consumo exagerado, a partir da necessária educação para o consumo na modernidade. Assim, são pontuados e discutidos os principais aspectos que circundam o avanço tecnológico frente ao consumo desenfreado, mas principalmente seus reflexos em crianças e adolescentes. Cotejados estes aspectos, apresenta-se a globalização ligada ao estado de consumo em que se vive, onde lhe são atribuídas as incertezas e inseguranças de todos os indivíduos, e com isso, essa determinada ideia e vontade de consumo incontrolável. E desta forma, ao constatar as insuficiências das políticas públicas atuais, apresenta-se a necessária implementação de uma educação voltada para o consumo consciente como forma de garantir e efetivar direitos fundamentais, uma vez que se mostra essencial que o cidadão seja educado para um mundo do consumo, com a principal finalidade de aumentar o nível de consciência dos indivíduos para que possam enfrentar os obstáculos do mercado atual.

Palavras-chave: Consumo; Educação; Globalização; Novas Tecnologias.

Abstract: This study addresses the impact of new information technologies such as prevention mechanisms to consumerism, from the need for consumer education in modernity. So, are pointed and discussed the main aspects that surround technological advancement against rampant consumerism, but mostly your reflexes in children and adolescents. Collated these aspects, it presents the state connected to the consumption of globalization in which we live, where you are assigned to the uncertainties and insecurities of all individuals, and with that, this particular idea and will of uncontrollable consumption. And thus, to realize the shortcomings of current public policies, presents the necessary implementation of an education for conscious consumption as a way of securing and effecting fundamental rights, since it shows

essential that citizens be educated to a world consumption, with the primary purpose of raising the level of consciousness of individuals so that they can face the obstacles of the current market.

Keywords: Consumption; Education; Globalization; New Technologies.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As complexidades sociais são uma das características do mundo globalizado atual, do mesmo modo as irrupções científicas e tecnológicas, que se desenvolveram em todos os campos do conhecimento, também são responsáveis pelo emaranhado de questões que precisam ser discutidas no contexto moderno.

O processo de globalização e o mundo capitalista acabam por fomentar uma ideologia maciça baseada no consumo. Por sua vez, o consumismo é posto como uma perversidade, resultante das mazelas cultivadas pelo consumo desenfreado, demonstrando um retrocesso na evolução humana, em que se verifica a perda da identidade de pessoa a custo de um grupo, ou melhor, das tendências que esse grupo determina como corretas para trazer a satisfação pessoal.

Nessa perspectiva, este artigo tem por finalidade estudar o impacto do avanço tecnológico enquanto mecanismo de prevenção ao consumo exagerado, a partir da necessária educação para o consumo na modernidade. Assim, o trabalho é dividido em três itens.

O primeiro busca discutir os principais aspectos que circundam o avanço tecnológico frente ao consumo desenfreado, mas principalmente seus reflexos em relação às crianças e aos adolescentes. Num segundo momento, realiza-se uma análise sobre a globalização relacionando-a ao estado de consumo em que se vive, onde lhe são atribuídas as incertezas e inseguranças de todos os indivíduos, e com isso, essa determinada ideia e vontade de consumo incontrolável.

Por fim, apresenta-se a necessária implementação de uma educação para um consumo consciente como forma de garantir e efetivar direitos fundamentais, uma vez que se mostra essencial que o cidadão seja educado para um mundo do consumo, com a principal finalidade de aumentar o nível de consciência dos indivíduos para que possam enfrentar os obstáculos do mercado atual.

1. O AVANÇO TECNOLÓGICO E O CONSUMO DESENFREADO

A grande depressão em que os Estados Unidos da América ingressaram no ano 1929 pode ser considerada como o fenômeno que desencadeou o consumo desenfreado que hoje se percebe em grande parte do planeta. A época, como medida para sair da crise, o consumo começou a ser sinônimo de bem estar e era entendido como uma meta prioritária do processo civilizatório, que rapidamente foi absorvido pela sociedade capitalista industrial.

Diante desse contexto, a capacidade aquisitiva dos indivíduos foi, então, gradativamente, se transformando em uma medida para (des)valorizar os cidadãos além de ser considerada como fonte de prestígio social. E a partir desse momento, a ânsia de adquirir e acumular bens deixam de ser um simples meio de realização de bem-estar, passando a ser um fim em si mesmo, isto é, o próprio símbolo da felicidade capitalista.

E desta forma, em linhas gerais, o consumo é classificado como aquilo que o cidadão adquire como forma de satisfação de suas necessidades habituais, isto é, “produtos e serviços que servem para a manutenção de uma vida dita normal”. Por outro lado, tem-se o consumismo, que diante da atual sociedade de consumo, é o “desejo de consumo exacerbado, no qual o indivíduo busca incessantemente produtos e serviços cada vez mais supérfluos”. (PEREIRA; PEREIRA; CASTRO, 2010, p. 18).

Conseqüentemente, o consumo desenfreado é considerado como sendo um desejo impulsivo, descontrolado, irresponsável e muitas vezes irracional que geralmente surge de forte evidência a partir da infância ou na pré-adolescência. Uma de suas características, segundo a corrente da psicologia moderna, é que tem sua origem dentro do próprio núcleo familiar, onde, em lares em que os pais trabalham muito tempo fora de casa, procuram compensar esse distanciamento dos filhos, com presentes, e isto acaba por desencadear uma não consciência acerca de consumir produtos.

Do mesmo modo, de acordo com a psicóloga Cristina Godoy (2008, *online*) “a criança se habitua a essas gratificações e quando se sente triste, vazia, insegura

e ansiosa busca sentir-se melhor através do consumo”. Godoy afirma acreditar que tal fenômeno pouco varia com a mudança de classe social. “Vemos jovens da periferia consumindo em demasia, assim como jovens de classes sociais mais altas. Parece ser uma compulsão quase generalizada, que em muitos casos acaba levando a consequências bastante sérias”.

Inclusive, o fato de o jovem estar em processo de formação e por isso muito suscetível à opinião de outros, pode facilitar para que este se torne consumista. Uma pesquisa feita pela Kantar Worldpanel (2010, *online*) revelou que famílias com jovens de 12 a 19 anos tem gastos cinco por cento (5%) maiores que o ganho mensal. Embora tal realidade dificilmente seja desencorajada devido à tendência adotada pelas sociedades ocidentais de ignorar o desperdício e focar no aquecimento econômico, a compra exacerbada de produtos gera consequências negativas em diversas direções. São milhares de famílias brasileiras endividando-se na busca do que acreditam ser um aprimoramento do seu padrão de vida.

Portanto, a criança e o adolescente uma vez condicionados aos estímulos de uma sociedade de consumo desregrado, tornam-se mais vulneráveis à publicidade e mais fáceis de convencer. “Multiplica falsas necessidades, por meio de um processo de convencimento intensificado pela mídia, mediante o qual incita a busca de mais prazer, sem qualquer referência” ou estímulo ao desenvolvimento de sentimentos superiores ou valores éticos. (PEREIRA JUNIOR, 2011, p. 167).

Nesse contexto, Freire (2006, 49), assevera sobre a máxima interferência da reestruturação produtiva na sociedade capitalista, onde “foi sendo ditada uma nova cultura e ações políticas de inspiração neoliberal no mundo do trabalho, que buscam flexibilizar ao máximo não somente as estratégias de produção e racionalização”, por meio das novas tecnologias, das políticas públicas, dos processos de trabalho, do tempo de giro do capital e inclusive dos padrões de consumo, e de forma igual com “os direitos e os compromissos do Estado para com a população, conquistados no período anterior”.

As novas tecnologias, que surgiram em razão dos avanços tecnológicos das últimas décadas, facilitam ainda mais esse modo de viver baseado no consumo. Portanto, há que se delinear alguns aspectos sobre isso.

No transcorrer da história, constata-se que o avanço tecnológico tem como marco referencial a Revolução Industrial, ainda que somente nas últimas décadas tenha passado a influenciar o modo de viver em sociedade, considera-se que a Revolução Industrial inaugurou um novo modelo de sociedade. Segundo Boff e Berton (2011, p. 177), “os avanços tecnológicos influenciam a vida de todos, mesmo daqueles que desejavam permanecer inertes diante da tecnologia”. Assim, não restam dúvidas que as inovações tecnológicas são profundamente identificadas com a ideia de *progresso*. (DUPAS, 2006, p. 112-113)

Dessa maneira, a ideia de progresso resultou de uma ação coletiva dos homens, para que a civilização caminhasse em direção a uma melhoria de vida. Ocorre que a ideia de progresso pode ser representada, também, como um retrocesso ou declínio, a exemplo disso destacam-se as duas guerras mundiais, em que o mundo vivenciou o risco da tirania, do militarismo, do culto à tecnologia, da burocratização, dos ataques nucleares, totalmente desnecessários à evolução humana. Muita coisa poderia ter sido evitada, conforme questiona Dupas (2006, p. 71), “como teria sido a eventual decisão de não fabricar a bomba nuclear, apesar de dominar o ciclo atômico completo. Ou pelo menos, de não lançá-la sobre Hiroshima e Nagasaki”.

Dupas (2006, p. 58) também argumenta que o conceito de progresso pode se dar de maneira diversa em função do período histórico e da forma de governo adotada, já que, nas palavras do autor, “para os comunistas a ideia de progresso estava associada a sociedades sem classes”, enquanto que “para os capitalistas o progresso estava ligado aos avanços científicos, tecnológicos e econômicos aliada ao crescimento da produtividade do trabalho”.

Para Dupas (2006, p. 95), progresso poderia ser tido como um conceito comparativo, vez que “[...] para os atuais fabricantes de telefones celulares e telas de plasma, *progresso* significa conseguir transformar esses aparatos eletrônicos em objetos de desejo do maior número de pessoas”. Como forma de obtenção desse resultado, a manipulação midiática induz o indivíduo a acreditar que ele será muito mais feliz se substituir seu aparelho de TV antigo por um novo.

Do mesmo modo Boff e Berton (2011) argumentam que aqueles países com maior desenvolvimento tecnológico, além de produzirem bens e serviços em alta

escala, exercem uma enorme dominação sobre os povos menos desenvolvidos e dependentes de tecnologia. Assim, as atenções voltam-se ao consumidor, que com acesso a informação, acaba fazendo uso da tecnologia para atender as suas necessidades.

Contudo, importante o questionamento de Dupas (2006, p. 103) “quanto desse progresso poderemos suportar? O excesso de conhecimento e de razão não é uma sobrecarga excessiva às estruturas psíquicas do ser humano?”. Na tentativa de explicar tais questionamentos, o autor constata que:

Nietzsche discorria sobre o homem como um “animal não fixado”, em contínuo processo de acabamento por meio da produção de cultura. Diante do relâmpago, ele foi capaz de passar da oração ao pára-raios, reduzindo seu medo e limitando o risco. A mesma técnica e o conhecimento que nos criam blindagens, próteses, espaços protetores e roupas de abrigo também nos tornam dependentes deles e nos criam novos e imensos riscos. O que, obviamente, não significa concluir que é preferível viver na ignorância. (DUPAS, 2006, P. 103)

Ainda assim, não se pode esquecer que “desde a consciência do poder avassalador da bomba atômica, evidenciado em Nagasaki e Hiroshima – transformando em poucos segundos 200 mil pessoas em pó –, estamos mergulhados numa comunidade global ameaçada pelo próprio homem”. (DUPAS, 2006, p. 104)

As novas tecnologias possibilitaram, por sua vez, o aumento gradativo do consumo, levando a uma sociedade extremamente consumerista em que as práticas de consumo acabaram moldando as relações dos indivíduos. A produção passou a ser desenhada de modo a atrair o consumidor, utilizando-se de uma série de subterfúgios para aumentar o contato com a variedade de produtos a disposição do consumidor. (BOFF; BERTON; 2011) O avanço da tecnologia da informação e da comunicação aumentou expressivamente as aspirações de consumo da população, inclusive dos excluídos. Os excluídos tornaram-se o alvo do capitalismo global, para manter as taxas de acumulação de riquezas, é necessário que a população pobre também esteja inserida no mundo consumerista.

A maneira como a informação é repassada as pessoas vai influenciar significativamente na eleição de suas necessidades para a sua satisfação. Eis aí, um papel verdadeiramente distorcido da informação, pois “as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de

seus objetivos particulares”. Do mesmo modo, “o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde”. Conclui-se, portanto, que a informação tem duas faces, uma pela qual ela busca instruir e a outra que busca convencer. Reside aí, o papel da publicidade, especialmente na busca pelo consumo. (SANTOS, 2001, p. 39)

Nessa perspectiva, consumir tornou-se sinônimo de felicidade. De acordo com Bauman (2004, p. 88), o consumo deve imperar, por isso toda forma de vida que opte pela “economia de não-mercado” é anormal. Assim, à medida que o mercado atrela a felicidade por meio do consumo de produtos que podem ser substituídos, corre-se o risco de a felicidade tornar-se algo inalcançável. Então, “a solução é continuar comprando, com a esperança de que a próxima linha de produtos superfáceis de usar ou a nova tendência outono-inverno redima os incansáveis buscadores de felicidade”. (FRAGOSO, 2011, p. 112)

Nesse cenário, constata-se que o ser humano acabou se transformando em objeto para a busca de lucros incessantes, “essa lógica empobrece as relações sociais, degrada o meio ambiente e o padrão de vida”. (DUPAS, 2006, p. 143-144) Como bem destacou Santos (2001), os consumidores são “produzidos” antes mesmo dos produtos.

Assim, o mercado capitalista dispensa suas energias para o ser humano consumidor, tratando-os como objetos de consumo, o que faz com que “os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares” comecem a desaparecer gradativamente. Neste processo, “a solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor”. (BAUMAN, 2004, p. 96) Diante do exposto, é oportuno que se analise as consequências do consumismo desenfreado no modo das pessoas relacionarem-se, especialmente inseridos num mundo globalizado, conforme far-se-á na sequência.

2. O CENÁRIO ATUAL DE GLOBALIZAÇÃO E A MODERNIDADE LÍQUIDA

Desde os primórdios da humanidade o conhecimento tem sido também uma tentativa do ambiente e de manutenção de uma determinada relação de equidade entre o homem e o seu meio. Contudo, nem sempre, nem em toda parte, o saber

ficou compreendido como um crescimento, e tão pouco fundou-se na cooperação dando lugar para instituição baseada na colaboração e no uso de linguagem que visasse a universalidade. (ROSSI, 2000).

Nessa conjuntura, a inovação, nos últimos anos, tem-se mostrado como um mecanismo essencial para garantir o crescimento, a competitividade e a rentabilidade diferenciada para as empresas, especialmente no que se refere à sobrevivência no mundo atual de globalização. Em inúmeros países, “as políticas tecnológicas têm enfatizado programas de cooperação entre os setores público e privado para estimular e apoiar os esforços das empresas, reduzir riscos e maximizar os resultados da capacitação científica constituída localmente”. (SANTOS, 2009, p. 42).

Essa globalização que se encontra a comunidade e por consequência as empresas é de extrema importância para a sociedade, uma vez que ela é classificada como uma sociedade de classes, no sentido de constituir uma totalidade em que os indivíduos são aceitos por seu pertencimento de classe, e que a partir disso, desempenhem a função que lhe é atribuída, em razão de sua classe, no e pelo sistema social. (BAUMAN, 2013).

Entretanto, essa globalização também transformou os indivíduos em meros consumidores e essa busca pelo consumo exagerado reflete em diversas áreas, mas principalmente no meio ambiente, onde na área do planeta comumente compreendida pela ideia de ‘sociedade’ não há um compartimento reservado ao refugio humano (mais exatamente, pessoas refugadas). Mesmo que a sobrevivência biológica fosse identificada e enfrentada de modo efetivo, esse fato não chegaria nem perto de assegurar a sobrevivência social. Não seria suficiente para a readmissão dos redundantes à sociedade de que foram excluídos – da mesma forma que armazenar o lixo industrial em contêineres refrigerados dificilmente seria suficiente para transformá-lo em mercadoria. (BAUMAN, 2005).

Portanto, diante deste cenário, a globalização é vista por uns como algo bom e por outros como algo ruim, mas para todos é um processo irreversível. Causa de felicidade e infelicidade alheia. Além de ser algo que afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Bauman (1999, p. 8) cita o processo paradoxal da globalização: “A globalização tanto divide como une; divide enquanto une”. De tal

modo, num mundo cada vez mais globalizado ser local é sinônimo de privação e degradação social, enquanto a globalização dita as regras do jogo. Em tempos de globalização, por exemplo, quem não tem internet, e não está integrado nas redes sociais, está excluído em relação aos que possuem. As ferramentas se tornaram uma febre global.

Do mesmo modo, a globalização trouxe uma espécie de desestruturação das comunidades locais, não existem mais áreas comuns, que priorizem ao diálogo, o face a face. As elites escolheram o isolamento e pagam por ele com boa vontade. Quanto aos que não tem escolha e/ou não podem pagar por sua segurança, se revoltam, respondendo com agressividade e violência às mesmas. (BAUMAN, 1999).

Diante desse fenômeno, a globalização pode ser caracterizada, justamente, pela ausência de controle, pela perda de referências, pela libertação de um sistema econômico que afugenta toda e qualquer tentativa de controle por parte do poder político. E este descontrole gerou um desajuste, um desequilíbrio entre “o desenvolvimento do mercado e as instituições políticas e jurídicas de caráter global, cuja precariedade é, justamente, base para o avanço de um capitalismo frenético, possessivo e indecente”. (JULIOS-CAMPUZANO, 2008, p. 58).

Portanto, para essa nova realidade globalizada, caracterizada pela modernidade líquida e volátil, torna-se importante (re)pensar os conceitos e adequá-los a uma lógica marcada pela incerteza e pela complexidade, torná-lo aptos a estruturar a sociedade atual, baseada nas diferenças. (JULIOS-CAMPUZANO, 2008).

Deste modo, Bauman (1999) afirma que houve o rompimento da economia com o Estado, onde antigamente as nações controlavam as riquezas, nos dias de hoje observa-se uma ruptura entre Estado e economia. Como exemplo, tem-se empresas globais que demitem pessoas de diversas localidades sem terem prejuízos econômicos, deixando as consequências para o Estado. Além do desemprego, as empresas que estão construindo empregos em outros países e acabam se esquecendo da população local. Um exemplo são as fábricas de tênis instaladas em países como a China, onde o custo de produção é menor e os trabalhadores vivem em condições lamentáveis, porém os produtos não deixam de

ser vendidos em outras regiões por preços bem diferentes dos utilizados na sua confecção. Esta falta de fronteiras geográficas fez com que as empresas pudessem se utilizar de mão de obra barata, e não se preocupassem com a população local, somente com o seu lucro próprio.

A questão do Estado soberano em tempos de globalização trouxe alguns paradoxos. Existem aqueles que tentam impor ordem dentro do seu espaço, os que tentam desistir dos direitos soberanos e estados que estavam esquecidos e pretendem se tornar um Estado. Todavia, no contexto geral, aconteceu uma morte da soberania dos estados, onde estes não têm recursos suficientes e liberdade para evitar um colapso. Bauman (1999) pondera sobre a fragmentação política e a globalização econômica, onde em tempos de comunicação mundial, por exemplo, a economia e crescimento de um país são ressaltadas na mídia e a pobreza acaba caindo em esquecimento. Ser pobre torna-se sinônimo de passar fome, e outros complexos são ignorados, como as condições de vida, analfabetismo, agressão, famílias desestruturadas, e outros problemas condicionados à pobreza.

Nesse ambiente, atualmente a sociedade está sob um paradoxo, de um lado tem-se o avanço das ciências e das técnicas, e de outro a referência à aceleração contemporânea das vertigens criadas por essa velocidade e pelo progresso que assume. Este é o mundo confuso e confusamente percebido na torre de babel que vive a nossa era globalizada. Sustenta que o mundo é feito de imagens e do imaginário, alicerçado então, a serviço do império do dinheiro: a chamada monetarização da vida social e pessoal. Assim, há que se considerar os 3 mundos num mundo só: a globalização como fábula; a globalização como perversidade; e 'por uma outra globalização'. Onde a luz do fim do túnel da sociedade é a busca por uma outra globalização, marcada pela nova interpretação do mundo contemporâneo a partir de um olhar multidisciplinar. Em que o dinheiro e as 'informações' (de vezes distorcidas e massificadas) são a base da evolução global, ao mesmo tempo que evidencia o inverso, são condições de que muitos não dispõem, isto neste cenário de globalização. Todos os aspectos que despontam para a globalização/evolução ou retrocesso devem ser analisados a partir de uma nova interpretação/aceitação. (SANTOS, 2002).

Para Santos (2002), de fato, o que se propõe é a construção de uma outra globalização, na qual seja menos excludente. Uma globalização que traga/comporta esperança àqueles em que ela não se evidencia como elemento de uma realidade inclusiva. Uma globalização, a partir de uma nova racionalidade, de um pensamento convergente na construção de um universalismo que contemple a todos iguais condições/possibilidades.

A tirania da informação e do dinheiro e o atual sistema ideológico entre os fatores constitutivos da globalização encontram a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos, isto é, do globalitarismo, a que estamos assistindo. Uma das fabulações é a tão repetida ideia de aldeia global. O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar, permitiu que fosse cunhada essa expressão. Quando essa comunicação se faz, na realidade, ela se dá com a intermediação de objetos. A informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculado pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos. (SANTOS, 2002).

Diante de todo este contexto de globalização perversa, a velocidade das novas tecnologias apenas está ao alcance de um número limitado de pessoas, de tal forma que, segundo as possibilidades de cada um, as distâncias têm significações e efeitos diversos e o uso do mesmo relógio não permite igual economia do tempo. E os mais afetados por esse fenômeno são aqueles excluídos do sistema, onde são obrigados a praticarem um consumo exagerado para sentir-se membros desta rede, entretanto, crianças e adolescentes são atingidos de forma mais brutal, e diante disso, se faz necessária a instituição de uma educação para o consumo como forma de garantir e viabilizar direitos fundamentais, assunto este, trabalhado na sequência.

3 A NECESSÁRIA EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO NA MODERNIDADE COMO GARANTIDOR DE DIREITOS

O reconhecimento por parte da sociedade da importância da educação na formação do indivíduo remete as primeiras sociedades politicamente organizadas, onde ao se criarem determinados segmentos privilegiados, a educação é direcionada para a formação das classes dominantes, que eram educadas para conquistar, governar e dirigir a nação que se encontram. (GORCZEVSKI, 2009).

Entretanto, a ideia de popularizar a educação, abrangendo todas as camadas e classes sociais, teve seu início a partir do século XVI, período este em que a sociedade europeia passava por profundas transformações em sua base. Como exemplo destas transformações tem-se a ruptura da unidade religiosa pela Reforma Protestante, o descobrimento do Novo Mundo, o auge de uma nova ciência e de um novo método de conhecimento, o desenvolvimento do comércio e da indústria, entre outros. (GORCZEVSKI, 2009).

E devido a isto, foi necessário reconstruir toda a estrutura social, o pensamento filosófico e político, o acervo cultural, conhecimento científico e, de acordo com Gorcezevski (2009, p. 211), “pode-se dizer que pensadores, intelectuais, políticos e outros vários personagens desse período concluíram com êxito a tarefa de reconstrução de um mundo novo e distinto”. E que a partir desta reconstrução a educação passa a ocupar um papel de destaque no interesse e na preocupação de intelectuais e políticos, que passam a analisá-la como um mecanismo único de transformar a natureza humana do atual indivíduo, com base nos novos tempos.

E assim, diante dos inúmeros desafios do presente e do futuro, sejam eles a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das guerras, entre outros, floresce a educação como sendo um método imprescindível para que a humanidade tenha a possibilidade de lograr êxito na concretização de ideais como a paz, a liberdade e a justiça social, com o principal intuito de promover um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico. (UNESCO, 2010).

Neste contexto, a educação pode ser compreendida como uma declaração de amor para com a infância e a juventude, uma vez que, ao ser acolhida em nossa

sociedade, reservando-lhes o espaço que, sem dúvida, lhes cabe no sistema educacional e também no seio da família, da comunidade de base e da nação. Tendo esse dever de promover a educação em todos os ambientes, inclusive nas tomadas de decisão de ordem política, econômica e financeira: parafraseando o poeta, a criança é o futuro do homem. (UNESCO, 2010).

Assim, para Freire (1994, p. 78) se a vocação ontológica do homem é caracterizada pelo sujeito e não pelo objeto, “só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições e espaços temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica”. E neste cenário, quanto maior for a reflexão sobre a sua intencionalidade, “sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais emergirá dela conscientemente carregado de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais”.

Atualmente há uma tensão considerável entre o local e o global, ao ponto de o indivíduo tornar-se cidadão do mundo sem perder suas raízes pela participação ativa na vida do seu país e das suas comunidades de base. Desde modo, propôs-se a ampliação da grade curricular ao incluir novas disciplinas, tais como o autoconhecimento e a busca dos meios adequados para garantir a saúde física e psicológica, com a principal finalidade de proporcionar a aprendizagem de matérias que levem a conhecer melhor e preservar o meio ambiente. Contudo, tem-se conhecimento que os currículos escolares estão cada vez mais sobrecarregados e, nesse caso, será necessário fazer escolhas, com a condição de preservar os elementos essenciais de uma educação básica que ensine a viver melhor pelo conhecimento, pela experiência e pela construção de uma cultura pessoal. (UNESCO, 2010).

De acordo com Freire (1981, p. 92) “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Contudo, se a escolha é por uma progressista, “se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver a nossa opção”. Encarná-la, exterminando, de tal modo, a distância entre o que é falado e o que é realizado.

Neste contexto, acredita-se ser a educação um processo de autoconhecimento e a consciência, assim como a construção de capacidades que

permitam orientar a ação de cada um, como membro de uma família, cidadão ou como um produtivo membro da sociedade, ao construir um sistema mais flexível, com maior diversidade de cursos e maior possibilidade de transferência entre diversas modalidades de ensino ou, então, entre a experiência profissional e o retorno para aprimoramento da formação. Inclusive, constituindo-se em respostas válidas para as questões formuladas pela inadequação entre a oferta e a demanda de emprego. Tal sistema permitiria também reduzir o fracasso escolar que – e trata-se de uma evidência – está na origem do enorme desperdício de recursos humanos. (UNESCO, 2010).

A partir deste cenário, a educação para o consumo no Brasil é de extrema importância, uma vez que segundo os dados do IBGE, no ano de 2011, o consumo de produtos e serviços pelas famílias brasileiras representou cerca de 60% do Produto Interno Bruto do Brasil. Perante estes dados, pode-se asseverar que mais da metade da economia do país depende de forma direta ou indiretamente das relações jurídicas de consumo. E devido a isto, torna-se importante a disseminação de uma cultura baseada no consumo consciente.

Logo, é essencial que o consumidor seja educado para um mundo do consumo, com a principal finalidade de aumentar o nível de consciência dos indivíduos para que possam enfrentar os obstáculos do mercado atual. Assim, “objetiva-se dotar o consumidor de conhecimentos acerca da fruição adequada de bens e serviços, de tal sorte que ele possa, sozinho, optar e decidir, exercendo agora outro direito, o de liberdade de escolha” diante dos inúmeros produtos e serviços colocados a sua disposição. (ALMEIDA, 2010, p. 67).

Do mesmo modo, segundo Nunes Junior e Serrano (2011, p. 69), o direito à liberdade de escolha, importante a qualquer sistema de proteção ao consumidor, “não basta que se assegure o respeito à autonomia da vontade, mas que o consumidor seja munido de informações adequadas, de educação para o consumo e protegido de fórmulas publicitárias abusivas e enganosas”, de tal maneira que possa realizar a eventual escolha de compra consciente de todos os inúmeros aspectos.

Ante deste ambiente, segundo Pinto (2009, *on line*)

[...] o ensino pedagógico do consumo consciente é uma necessidade ecológica e deveria ser um dos parâmetros de todo o programa de educação na infância. Esse indivíduo, assim educado, respeitará os limites do possível, do necessário e da utilidade. **Será senhor do seu consumo, dono de suas escolhas, livre em suas decisões.** Quem sabe, essa reflexa [...] nos seja útil para um novo despertar de nossa condição humana e cidadã, inseridos em um mundo que exigirá de todos nós novos hábitos, novos caminhos, novas escolhas? (Grifo nosso).

Em vista de tudo que foi exposto, o processo da educação para o consumo, diante do atual mundo globalizado, deve despertar no possível consumidor uma consciente crítica, isto é, a possibilidade de distinguir necessidade de desejo. E, assim, aperfeiçoar uma responsabilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais constata-se uma humanidade, hipnotizada pelo consumismo, em que a satisfação pessoal somente se concretiza com o consumo de bens e produtos, que servem, num primeiro instante, para atender as necessidades humanas. Contudo, a relação entre necessidade e desejo de satisfação está muito próxima, e verbaliza-se com um hiperconsumo desenfreado, que parece não ter fim.

Diante desse cenário, muitos são os fatores que fazem refletir a respeito da condição do sujeito na pós-modernidade, em especial a influência do consumo e da globalização. A cada ano que passa o ser humano tem a sensação de que suas necessidades serão eternamente não atendidas, o mundo econômico e capitalista aliena o homem e o faz pensar que somente consumindo atingirá a satisfação pessoal. Sem perceber que é o homem quem vai definir o destino sobre a Terra.

Diante do exposto, há que se pensar em políticas públicas destinadas a uma educação para o consumo e que sejam implementadas com as crianças e adolescentes, de modo que não se tornem adultos consumistas. Tais políticas devem despertar nos potenciais consumidores uma consciente crítica, de maneira que consigam distinguir a necessidade do desejo, aumentando, assim, a responsabilidade social e coletiva.

Não restam dúvidas que é a comunidade humana quem decidirá o futuro do planeta de acordo com suas ações presentes, portanto, um consumo consciente é fundamental para a efetivação de direitos fundamentais a todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Batista de. **Manual de direito do consumidor**. 4. ed. ver. São Paulo: Saraiva, 2010.

AQUINO, Q. B.; COSTA, A. A. Tecnologias e o Consumismo: em busca da inclusão social no mundo globalizado. In.: BOFF, S. O.; STHLHOFER, I. S.; FIOREZE, R. (Orgs.) **Novas Tecnologias, Direitos Intelectuais e Políticas Públicas**. São Paulo: Ed. Letras Jurídicas, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Danos Colaterais**: desigualdades sociais numa era global. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1981.

_____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOFF, Salete Oro; BERTON, Wagner de Souza. **Relações de consumo no ambiente virtual**. In.: REIS, J.R.; CERQUEIRA, K. L.; HERMANY, R. Educação para o consumo. Curitiba: Multideia, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**: ou progresso como ideologia. São Paulo: Unesp, 2006.

ESTADÃO, Jornal. **Jovens estouram contas das famílias**. São Paulo. 2010.

Disponível em:

<www.estadao.com.br/noticias/impreso,jovens-estouram-contas-das-familias,504142,0.htm>. Acesso em: 05 Nov 14.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. **Modernidade líquida e liberdade consumidora**: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. Rev. Perspectivas Sociais. Ano 1, nº 1, 2011. Disponível em:

<http://www.ufpel.edu.br/isp/ppgcs/perspectivas_sociais/marco_2011/tiago_fragoso.pdf> Acesso em: 12 Nov 14.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Lúcia M. B. **O serviço social na reestruturação produtiva: espaços, programas e trabalho profissional.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GORCZEWSKI, Clovis. **Direitos humanos, educação e cidadania: conhecer, educar, praticar.** 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

HAMUCHE, Desiree M.N. **Consumismo exagerado causa problema para jovens?** 2008. Disponível em:
<http://projetovivervida.blogspot.com.br/2008/06/blog-post_26.html>. Acesso em: 08 Nov 14.

JULIOS-CAMPUZANO, Alfonso de. **Os Desafios da Globalização: Modernidade, Cidadania e Direito Humanos.** Tradução, Clovis Gorcevski. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

NUNES JÚNIOR, Vidal Serrano; SERRANO, Yolanda Alves Pinto. **Código de Defesa do Consumidor interpretado** (doutrina e jurisprudência). 5. ed. São Paulo: Editora Verbatim, 2011.

PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; PEREIRA, Mariana Mioranz Koppe; CASTRO, Morgana Franciéle Marques de. Energia, sustentabilidade ambiental e consumismo frente à globalização. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio; SANTOS, Dagoberto Machado dos (Coord.). **Relações de consumo: globalização.** Caxias do Sul: Educs, 2010.

PEREIRA JUNIOR, Antonio Jorge. **Direitos da Criança e do Adolescente em face da TV.** 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

PINTO, Maria Angela Coelho Mirault. **Educação para o consumo consciente e responsável.** 2009. Disponível em:
<http://www.webartigos.com/artigos/educacao-para-o-consumo-consciente-e-responsavel/15471>. Acesso em: 13 Out 14.

ROSSI, Paolo. **Naufrações sem espectador: A ideia de progresso.** Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2000.

SANTOS, Marli Elizabeth Ritter dos. **Transferência de Tecnologia - estratégias para a estruturação e gestão de Núcleos de Inovação Tecnológica.** Campinas, SP : Komedi, 2009

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TAUILE, José Ricardo. **Para (re)construir o Brasil contemporâneo: trabalho, tecnologia e acumulação.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DEMANDAS SOCIAIS E
POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

VIII MOSTRA DE TRABALHOS JURÍDICOS CIENTÍFICOS



2015

UNESCO; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
Educação, um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão
Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília, 2010.